

Mal-estar, castração, alteridade/ e Aposta de Pascal

Dado o pouco tempo disponível, irei ao essencial.

A aposta diz respeito à existência ou à não-existência de Deus.

Transposto como semelhante à existência do "eu", o desafio, como "em-eu" possível de a enunciação; Quem fala? A quem é falado?

Toute cure est aussi en ce sens un pari, un acte qui implique le sujet d'avoir eu à choisir, à se déterminer.

De sua experiência pessoal, atravessada por uma crise mística, noite de fogo (23/24 novembro de 1654), onde ele experimenta o mistério da fé como uma verdade revelada Pascal não

não renunciará por isso à sua trajetória científica, mas dela tirará a necessidade de distinguir a fé do conhecimento, um saber como "um saber no Real", indemonstrável como tal.

Je renvoie à la résonance de la citation la plus connue "o coração tem suas razões que a razão desconhece".

razão não conhece" ,há um amor inexplicável, inexplicado, de uma alteridade radical mesmo em relação àquele ou àquela que é a causa disso, Je renvoie en ce sens au transfert

e ao analista portador do semblante de objeto pequeno a e ao aforismo "em ti, mais do que em ti,

"amo o objeto a...", causa do meu desejo, eu te amo, eu te mutilo". Ce que levanta a questão de

o objeto cessível, de um amor além do objeto.

Eficiência da causa como causa perdida, fazendo do objeto a, o objeto perdido, perdido de

nunca ter existido. Pascal, no entanto, matemático rigoroso, observa uma distinção entre objeto de fé (verdade revelada) e conhecimento racional.

Ce qui est révéle n'est pas un savoir su.

A aposta na cura se aloja no ponto de falha do saber. Ele implica a constrição a repetição, o ato.

Crer implica obedecer aos mandamentos religiosos, mas isso é pouco em comparação da promessa de ganhar « uma infinidade de vidas infinitamente felizes ».

Ao opor a verdade da razão à do coração, ao reescrever « réson » de ressonância Pascal opera a distinção entre o campo da verdade e o do saber, enquanto coloca a questão da garantia. Isso ressoa com o paradoxo constitutivo de um vínculo no campo institucional para a transmissão da psicanálise e a diferença entre uma adresse e uma escola

Ao Deus da razão promovido por Descartes, ele opõe o Deus de Isaac, de Abraão e de Jacó, ou seja, o Deus do Antigo Testamento, aquele dos crentes.

A referência tomada por Pascal é a de um deus que autoriza a vida ao preço de uma cessão.

de gozo.

A aposta se aloja em um ponto onde o saber falha. En mettant l'accent sur la renonciation à la

gozo e sua recuperação, isso permite destacar a função do objeto mais-do-gozo.

A colocação na aposta equivale ao objeto a como o operador da inconsistência do o Outro, por um lado, e por outro, o que responde a essa inconsistência.

É isso que está no lugar do limite da linguagem.

Forma de tapar o buraco da linguagem, esforço para sustentar a existência do Outro.

O que não se encaixa no cálculo é o ato.

O que escapa é o próprio ponto onde se situa o sujeito como sujeito da enunciação. Na enunciação, o sujeito engaja sua jouissance e isso é irreduzível ao significante. É do seu próprio apagamento que o sujeito reaparece: os versos de Rimbaud “Teu rosto se vira, teu rosto se desvia, um novo amor, Chegada de todos os lados que irá embora” nada. O poema “A uma razão” o faz ouvir. Qualquer que seja o discurso, a estrutura l'objet comme a-objet mène la danse. Deixo a palavra aos meus colegas. testemunhando em sua prática a necessidade de não saber como condição mesmo do fato de que possa ter lugar “o ato analítico”, castração simbólica que coloca um termo a toda erotização do pensamento, ou seja, da castração. A castração tomando classificado como a falta, falta de estar lá, a falha, o que se escapa, precisamente como não se encaixando no cálculo, como constituindo o ponto de necessidade onde o sujeito advém como sujeito da enunciação com uma lacuna constante entre o UN e o a.n No Real, espaço e tempo não são separáveis, sujeito/objeto também não.

ccaf/ cartels constituants de l'analyse freudienne/ Fabienne Bert

Marcel Proust emprega o tríptico de “Amor, ódio e ignorância” que circula entre os personagens desse romance e do qual o herói sofre a ponto de se sentir sufocado, irrespirável. Embora Swan sofra o ódio de seus colegas, ele abandona a felicidade simples de um relacionamento com uma costureira por uma quimera na qual ele imagina que encontrará o Santo Graal em uma caçarola. Apesar de si mesmo, o homem cria seu próprio inferno, uma espécie de “Ilha dos Negros” atemporal (em referência ao livro “The Ten”, de Agatha Christie) ad nauseum. A busca pelo falo condena homens e mulheres à ignorância e ao ódio. A psicanálise seria um caminho possível para cada um de nós, para nos libertarmos de um mundo imaginário que nos impede de “amar e trabalhar”, e para dar nova vida a nós mesmos. Então, como podemos entender o atual ódio à psicanálise?

A alteridade pressupõe que a questão da castração seja colocada novamente em jogo e, ao longo de sua obra, Freud se refere a regressões e fixações como formas de evitar essa questão. Se o homem, como diz Pascal, “não é nada além de disfarce, mentiras e hipocrisia, tanto em si mesmo quanto em relação aos outros. Ele não quer que lhe digam a verdade. Ele evita dizer a verdade aos outros. E todas essas disposições, tão distantes da justiça e da razão, têm uma raiz natural em seu coração”. Pascal, Pensées, nº 978 Lafuma, nº 100 Brunschvicg, a psicanálise deve, portanto, ser vista como uma aposta pascaliana na qual nos é permitido esperar a partir de uma falta de conhecimento, desejar um caminho, partir em uma aventura, enquanto a sociedade de consumo, em um trabalho sisifiano, reduziria os seres humanos à condição de consumidores rapidamente embalados. É também, se nos referirmos ao filósofo, entrar em um jogo em que necessariamente ganharíamos e em que o jogador não teria “nada a perder”. No decorrer de uma análise, por exemplo, não é incomum ver um analisando abandonar um vício em um medicamento que ele não havia mencionado anteriormente.

No entanto, enquanto na neurose é uma questão de distanciamento, na psicose, ao contrário, um objeto pode aparecer, um sinal de dependência, que introduz um outro lugar no magma incestuoso no qual um sujeito está preso (um analisando psicótico desenvolve uma paixão por uma bebida energética).

“É preciso suportar o desejo”, como disse Lacan, e esse é o caminho de todo trabalho analítico, que nos convida a deixar de lado o infantil e permitir que o sintoma dê um passo para o lado. Isso pressupõe um desconhecido, como sugere Pascal.

Traduzido com a versão gratuita do tradutor - DeepL.com

Portuguese

*B.P. "A aposta de Pascal, uma ilustração clínica (Lesbats-Aimedieu M.,14.04.2025)

A "Aposta de Pascal" questiona a existência de Deus, retomada por J. Lacan sobre a questão da existência do eu da enunciação do analisante. *B.P. "todo apostador arrisca com a certeza para ganhar com a incerteza". Ilustraremos esta afirmação com o relato individual de um homem que testemunha dar crédito a uma possível escrita inconsciente.

Este homem argelino, perto da reforma, teve uma depressão grave ligada ao seu sofrimento no trabalho (acompanhado de dores físicas). Os seus superiores voltaram a pedir-lhe que desempenhasse "tarefas servis", como tinha feito quando começou a trabalhar, sem ter em conta a sua antiguidade. Para ele, estes acontecimentos traduziram-se **numa destituição subjectiva** que abalou o seu equilíbrio.

Este homem, de origem modesta, é um grande leitor, culto, fala com uma certa delicadeza e capta a minha atenção. À medida que fala, consegue libertar-se do seu papel de ancião e deixar de ver as suas fraquezas como **uma vergonha**.

"Sempre arranjei desculpas para as pessoas... a religião impede-me de fazer mal às pessoas, estas ideias que me passam pela cabeça; ... estas ideias de ódio (à sua hierarquia), não é possível, ... como vingar-me deles... . **O Islão nunca disse para sair e matar pessoas**. Os ataques não têm nada a ver com a minha religião: os ataques **é que corroem o cérebro dos outros**".

No final deste breve tratamento, um forte momento transferencial acelerou a sua melhoria, e ele encontrou-se "num acerto de contas com os aldeões (comentários provavelmente ouvidos em criança) que tinham sido abafados na família, **o impensável, fechado**, uma emergência **do Real**.

Como no livro Le trauma colonial de **K. L. "Os homens da aldeia (da família) irão à procura dos **restos dispersos do cadáver** (de um parente), **...cortando a cabeça**, ... para lhes devolver uma aparência de unidade." . **K.L. "p63 a particularidade de um crime que postula que tudo é lícito, que é cometido contra o ser humano e o priva da sua qualidade humana... Este impossível de recalcar ressurge incansavelmente, as subjectividades continuam a lutar nos **espaços em branco** da memória e das palavras."

Esta recordação permite a este homem aceder a uma transmissão da cultura ancestral, articulada em significantes mestres (a RURALIDADE, o SOBRENOME de um antepassado/viagem e, finalmente, encontra o seu tio paterno no campo, o único ancião, um dos sábios da aldeia).

J.L. "The Wager está situado no ponto exato da falha do Real e do Simbólico".

(1ª a 4ª sessão do seminário de Jacques Lacan "D'un Autre à l'autre")

*235/241 "Pensamentos sobre a necessidade do pari", de Blaise Pascal

**O trauma colonial, de Karima Lazali